

TRANSAS & TRAMAS

Contos de Amor Novo

Edson Gabriel Garcia

Ilustrações: Débora Camisasca

13ª EDIÇÃO



Copyright © Edson Gabriel Garcia, 1990.

Saraiva Educação Ltda.
Av. das Nações Unidas, 7.221 – 2º andar – Pinheiros
CEP 05425-902 – São Paulo – SP
Todos os direitos reservados.
0800-0117875
www.editorasaraiva.com.br/contato

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Garcia, Edson Gabriel, 1949-

Contos de amor novo / Edson Gabriel Garcia – 13ª ed. rev. e ampl.
– São Paulo : Atual , 2004 – (Série Transas e Tramas)

Inclui proposta de trabalho

ISBN 978-85-7056-325-5

1. Literatura infantojuvenil 2. Livros de leitura I. Título II. Série.

91-0052

CDD – 028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infantojuvenil 028.5
2. Literatura juvenil 028.5

Série Transas & Tramas

Editora: Samira Youssef Campedelli

Assistente editorial: Henrique Félix

Preparação de texto: Renato Nicolai

Revisão: Pedro Cunha Jr. e Lilian Semenichin (coords.)

Diagramação e arte: Tania Ferreira de Abreu

Produção gráfica: Antonio Cabello Q. Filho / Silvia Regina E. Almeida

José Rogerio L. de Simone

Projeto gráfico: Sérgio Fernando Luiz

Roteiro de leitura: Cândida B. Vilares Gancho

Composição: Linoary Ltda. / AM Produções Gráficas Ltda.

Fotolito: Binhos / H.O.P.

13ª edição / 6ª tiragem
2017

CL 810529
CAE 602574



SUMÁRIO



Pai, acho que estou	1
Nunca mais	7
Planos	12
Questão de prática	17
As cartas não mentem jamais	21
Clip	27
Esperando Ricardo	30
Meu corpo, meu herói	36
Enfim	43
Um jeito de dizer que gosto de você	50
Meleca	57
Revelação	63



*Para Ines Rosanna, Dulce Adorno e Graça Segolin,
estes contos de amor novo,
que a vida também se renova pelo amor.*



Pai, acho que estou...

Faz pouco tempo que me dei conta. Coisa de dias. Dez ou quinze, não mais que duas semanas. Desde então fiquei com esta estranha mania de conversar com o pequeno espelho arredondado que tenho sobre o móvel do quarto. Descobri as duas coisas quase ao mesmo tempo: o problemão e a possibilidade de conversar com o espelho. Quando olho para a moldura arredondada e vejo bem nítido meu rosto, os olhos levemente castanhos, os cabelos curtos, o nariz imperfeito e os lábios finos, me vem aquela vontade incontrolável de conversar. Então...

— Como está você, hoje, garota?

- Assim, assim... nada de novo no *front*.
- Já está mais conformada com a descoberta?
- Um pouco...
- Um dia não será só um pouco, será muito. E aí você verá que nem tudo é ruim.
- Não acho ruim. Apenas esquisito, indesejado, bastante... Não era hora.
- Tem que ter hora para as coisas acontecerem?
- Não sei. Acho que sim. Minha mãe sempre diz que “pra tudo tem hora certa”.
- Mãe nunca fala coisa errada?
- Talvez, mas a minha mãe não. Parece ter toda a certeza do mundo.
- Bobagem, garota. Erra, como todo ser humano.
- Gente grande erra menos, espelho.
- Bobagem das grandes, garota. Erra mais, muito mais. E sabe por quê?

Eu não queria saber. Talvez outro dia, outra hora. Eram quase oito horas da noite. Estava frio. Frio gostoso de inverno que vinha chegando. Dali a pouco viria o chamado dela, intimando para o jantar, com meus dois irmãos e meu pai. Coisas de família.

Voltamos a conversar outro dia.

- Sabe por quê, garota?
- Não, não sei...
- Porque gente grande não sonha. E, quando sonha, sonha um sonho tão reprimido...
- E que tem isso a ver comigo?
- Muito. Isso de você guardar sua descoberta só pra você. De medo de não estar fazendo a coisa certa e ser reprimida e castigada por sua mãe.
- Que coisa mais estranha, espelho!
- Estranha ou não, peço que você pense nisso.
- Prometo que pensarei.

- Não... não... pense agora.
- Está bem! Estou pensando.
- E então?
- Então, o quê?
- O que você me diz?
- Do sonho? Nada. Não dá pra falar em sonho e eu com esse baita problema...
- Problema, nada! É bonito...
- Não é.
- Vai ser... vai ser... você vai ver. É bonito, acontece com todas as mulheres. E sabe o que mais? Todas elas ficam incrivelmente mais bonitas quando estão...
- Pois é, aí está o erro.
- E qual é o erro?
- Eu ainda não sou uma mulher...
- Ora, garota, não brinque comigo. E esses olhos víssimos, esse coração batendo a mil por hora, esse corpo inteiro esperando... Não me venha com essa!
- Só tenho dezesseis anos.
- É idade de moça...
- Mas é muito cedo.
- Não se faça de ingênua, agora. Então você não sabia?

Claro que sabia. Mas a culpa não era só minha. Tinha um dedo do Cleber. Dedo só, não. Dedo, mão, braço, perna, cabeça, coração. No começo ele se aproximou de mansinho. Pediu caderno emprestado. Eu estranhei. Caderno para quê, ele não fazia nada na classe! Quería passar a limpo alguma matéria que tinha perdido. Eu, tola, emprestei o caderno, emprestei livros, anotações, dei aulas de graça, dei atenção, fui dando tudo o que ele pedia, fui dando...